

DA EMBRIAGUEZ TRÁGICA E DO MUNDO
COMO INVENÇÃO NA CRÔNICA “FLAMENGO
SESENTÃO”, DE NELSON RODRIGUES

THE TRAGIC INEBRIETY AND THE WORLD AS INVENTION IN THE
CHRONICLE “FLAMENGO SESENTÃO”, BY NELSON RODRIGUES

João Batista Santiago Sobrinho*
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

RESUMO

Este estudo aproxima o texto trágico de Nelson Rodrigues do poeta-filósofo alemão Nietzsche, por intermédio da crônica “Flamengo sessentão”. Para tanto, constatamos duas formas de embriaguez no texto rodriguiano, as quais são legitimadoras do universo trágico nietzschiano, a embriaguez da excitação sexual e a embriaguez da guerra.

PALAVRAS-CHAVE

Trágico, futebol, embriaguez

Não sou, por exemplo, nenhum bicho papão, nenhum monstro moral – sou até mesmo uma natureza oposta à espécie de homem que até agora se venerou como virtuosa. Cá entre nós, parece-me que justamente isso forma parte de meu orgulho. Sou um discípulo do filósofo Dionísio, preferia antes ser um sátiro a ser um santo.

Nietzsche. Ecce homo.

Este texto pretende identificar um espírito da embriaguez trágica, nos moldes nietzschianos, para além do teatro de Nelson Rodrigues, cuja primeira peça, *A mulher sem pecado*, que conteria “em germe todas as características do dramaturgo”,¹ já traduz uma vontade dionisíaca, marcada pelas intermitências do corpo, que assombram seus personagens de maneira inaudita e no limite da sanidade, o que leva Sabato Magaldi a caracterizar nessa peça uma não constituição de “especial transcendência” e aproximá-la do “anedótico”.² Aspectos que, aliados a uma “ironia feroz” e uma proximidade entre arte e vida, ela inquestionável na *poiesis* rodriguiana, possibilitam, por esses e outros

* joaliter@hotmail.com

¹ RODRIGUES. *Teatro completo de Nelson Rodrigues I: peças psicológicas*, p. 9.

² RODRIGUES. *Teatro completo de Nelson Rodrigues I: peças psicológicas*, p. 10.

aspectos que daremos visibilidade ao longo do texto, convergências entre Nelson Rodrigues e o imaginário nietzschiano. Magaldi destaca também a “presença constante” do autor de *Crime e castigo*, Dostoiévski, na obra rodriguiana, escritor com o qual Nietzsche, também, se relaciona. Sobretudo ressoa no conceito nietzschiano de ressentimento o livro de Dostoiévski, *Memórias do subsolo*. No livro *Nihilismo, criação, aniquilação: Nietzsche e a filosofia dos extremos* (2004), Claudemir Luis Araldi ratifica essa relação ao afirmar que aos estudos de Nietzsche “sobre metafísica, moral e ciência, convergem estudos dos críticos e analistas da decadência, como F. Dostoiévski e P. Bourget”.³

Ressentimento e decadência são, sem dúvida, aspectos explorados reiteradamente na “tragédia carioca”, enxovalhada de desejos reprimidos, ódios que supuram, a todo o momento, nos vingativos personagens de Nelson Rodrigues, marcados, sobretudo, por uma “embriaguez do sexo” e “da guerra”. Nesta, a filiação heraclitiana é imprescindível e naquela, Nietzsche chama a atenção, em especial, ao se referir no aforismo 8, “para uma psicologia do artista”, quando acentua as possibilidades do olhar estético e a condição fisiológica deste,

a embriaguez. Primeiro a embriaguez deve intensificar a excitabilidade de toda máquina: antes, a nenhuma arte se chega. Todos os tipos tão diversos de embriaguez são para isso idôneos: acima de tudo, o enebriamento da excitação sexual, a forma mais antiga e originária de embriaguez. De igual modo, a embriaguez que segue a todos os grandes desejos, a todas as emoções fortes; o enebriamento da festa, da luta, do feito temerário, da vitória, de todo movimento extremo; a embriaguez da crueldade; a embriaguez da destruição; a embriaguez sob ação de certas influências meteorológicas, por exemplo, a embriaguez primaveril; ou sob a influência dos narcóticos; por fim, a embriaguez da vontade, a embriaguez de uma vontade acumulada e tumefata. – O essencial da embriaguez é o sentimento de intensificação da força e da plenitude. Em virtude de tal sentimento, o homem entrega-se às coisas, *força-as* a apossarem-se de nós, violenta-as – a semelhante processo dá-se o nome de *idealização*. Libertemo-nos, aqui, de um preconceito: idealizar *não* consiste, como geralmente se crê, em separar e por de lado o pequeno, o trivial. O decisivo é antes um monstruoso *acentuar* dos rasgos principais de modo que os outros desapareçam.⁴

Nosso interesse não é estudar a tragédia de Nelson Rodrigues, mas notar uma estesia trágico-nietzschiana por intermédio de suas crônicas e aguçar possibilidades de leituras entre o poeta-filósofo Nietzsche e o autor da tragédia carioca. Em que pese nosso estudo se restringir à crônica “Flamengo sessentão”, publicada na revista *Manchete Esportiva* em 26 de novembro de 1955, e reeditada em 1993 no livro *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, utilizaremos outras crônicas, textos e depoimentos de Nelson Rodrigues para consubstanciar essa perspectiva.

Na crônica “Flamengo sessentão” ressoam, com evidência, duas formas de embriaguez explicitadas no aforismo acima: a “embriaguez do sexo” e a “embriaguez da guerra”.

Marcelino Rodrigues da Silva, descortinando em Nelson Rodrigues um jornalismo contrário à “mania abjeta de objetividade”, afirma, apropriando-se de palavras do cronista, que “Nelson Rodrigues é o próprio ‘cronista apaixonado’ a desgrenhar os acontecimentos

³ ARALDI. *Nihilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*, p. 46.

⁴ NIETZSCHE. *Crepúsculos dos ídolos*, p. 74-75, grifos do autor.

esportivos, negando-se a se submeter aos limites da objetividade jornalística”.⁵ O procedimento notado por Silva entra em consonância com a perspectiva nietzschiana de apropriação do mundo menos pela história e mais pela estória.

Há, sem dúvida, uma presença dessa embriaguez originária, a da “excitação sexual”, no texto rodriguiano em geral. Este é marcado intrinsecamente por uma relação entre arte e vida, face inerente ao pensamento do poeta-filósofo Nietzsche. Nelson, aos quatro anos de idade, de acordo com Ruy Castro, foi classificado por uma vizinha, dona Caridade, “como um tarado de marca maior”.⁶ Digamos que seja essa a condição fisiológica de Nelson Rodrigues, estigma que marca toda sua vida e o leva à *poiesis* trágica, na qual não faltam os outros tipos de embriaguez elencados por Nietzsche em seu multifacetado conceito, sobretudo a “embriaguez da luta”, mas também da crueldade, do feito temerário, da narcótica e da tumefata, por exemplo. Nem mesmo imagens simples de um placar de zero a zero escaparia a vontade de lubricidade e guerra rodriguiana. Ao se referir ao empate entre Brasil e Paraguai em 1955, na crônica “O craque sem idade”, também do livro *À sombra das chuteiras imortais*, Nelson afirma: “Essa virgindade desagradável e irreduzível do escore já humilhava o público e, ao mesmo tempo, o enfurecia.”⁷ Há, na frase acima, uma relação de tensão entre virgindade e furor. Tensão recorrente no texto rodriguiano que, quase invariavelmente, prenuncia o trágico. No livro *Nietzsche contra Wagner*, o poeta-filósofo afirma:

Toda arte, toda filosofia pode ser vista como remédio e socorro da vida em crescimento ou em declínio: elas pressupõem sempre sofrimento e sofredores. Mas existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de superabundância de vida, que querem uma arte dionisíaca, e desse modo uma perspectiva trágica da vida – e depois os que sofrem de empobrecimento de vida, que requerem da arte e da filosofia silêncio, quietude, mar liso, ou embriaguez entorpecimento, convulsão. Vingança sobre a vida mesma – a mais voluptuosa espécie de embriaguez para aqueles assim empobrecidos!⁸

Nesse sentido, o conceito de trágico do poeta-filósofo alemão Nietzsche se aplicaria bem à maneira como se expressa Nelson Rodrigues, que sofreu por uma “superabundância de vida”. O que o levou ao “remédio e socorro” de uma “arte dionisíaca” e a uma inaudita “perspectiva trágica da vida”. O autor elevou as suas crônicas sobre o futebol brasileiro, por intermédio de sua escrita, à categoria de arte trágica, às vezes bufa, mas nunca sem a grandeza literária equivalente àquela dos heróis da Antiguidade, aos quais ele mistura os atores envolvidos no imaginário futebolístico brasileiro. Também, essa aproximação com o universo helênico corrobora o que intentamos neste texto.

O conceito de trágico nietzschiano consiste numa afirmação irrestrita da vida. Afirmação problemática, pois não apenas em seus aspectos felizes, mas também aqueles sombrios. O que nos ocorre são contingências da vida, *além do bem e do mal*. Uma travessia trágica afirma todos os acontecimentos da vida. Nelson Rodrigues, na crônica

⁵ SILVA. O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues, p. 43.

⁶ CASTRO. *O anjo pornográfico*, p. 23.

⁷ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 11.

⁸ NIETZSCHE. *Nietzsche contra Wagner*, p. 59.

em análise, propõe-se a afirmar a grandeza titânica, daqueles que, para o escritor, eram, de fato, heróis, os quais, por fim, transformam-se numa força imponderável, representada pela camisa estendida no arco, ou seja, numa força simbólica advinda da vida, das forças que possibilitaram a existência da parte terrestre do flamengo, cujo “élan” inatural “a gana, a guerra” ainda se fazia presente em 1955. Mas não são heróis investidos de causas “justas”, o são por representarem a vida no limite explosivo da exposição desnudada da condição humana, muitas vezes, abjeta, ao olhar travestido de uma vontade de verdade. Todos os envolvidos estão aí movidos por um impulso imponderável que por si mesmo, enquanto força, representa o espírito da parte “terrestre do flamengo”. Assim como representam o espírito do torcedor em geral.

Não faltam ao texto rodriguiano, a ironia, o lirismo, o riso, o mito, que, aliados à grandiloquência de seu estilo, não desgarrado do drama que envolve a vida do próprio escritor, perfazem o universo trágico e por isso mesmo afirmativo que demonstramos em sua narrativa, na qual o “enebriamento da excitação sexual, a forma mais antiga e mais originária da embriaguez”, é condição precípua de sua psicologia.

Ao final do seu livro *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche assim se refere ao trágico:

A psicologia do orgiástico enquanto sentimento transbordante de vida e de força, em cujo seio a dor age como estimulante, deu-me a chave para o conceito do sentimento trágico, que foi mal entendido por Aristóteles como, em particular, pelos nossos pessimistas. A tragédia está tão longe de provar algo a favor do pessimismo dos helenos, no sentido de Schopenhauer, que devemos figurar antes, como a recusa decisiva e *instância oposta*.¹⁰

Nesse sentido, Nietzsche está categoricamente se opondo aos pessimistas, e tomando a dor, aquilo que, em tese, contraria o princípio erótico e afirmativo da existência, como estimulante. Por isso, o modo como Nietzsche vê a tragédia faz dela *instância oposta* a Aristóteles e Schopenhauer, conforme expresso no recorte acima e reafirmado no livro *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*:

Até que ponto eu havia com isso encontrado a concepção de “trágico”, o conhecimento definitivo sobre o que é a psicologia da tragédia, eu o expressei ainda no *Crepúsculo dos ídolos*. “O dizer sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos – a isto chamei dionisíaco, isto entendi como a ponte para a psicologia do *poeta trágico*. Não para livrar-se do pavor e da compaixão, não para purificar-se de um perigoso afeto mediante uma veemente descarga – assim o entendeu mal Aristóteles – mas para, além do pavor e da compaixão, *ser em si mesmo* o eterno prazer do vir a ser – esse prazer que traz em si também o *prazer no destruir...*” Nesse sentido tenho o direito de considerar-me o primeiro *filósofo trágico* – ou seja, o mais extremo oposto e antípoda de um filósofo pessimista.¹¹

Esse prazer, afirmado para além do pavor, próximo ao aniquilamento, incita os personagens rodriguianos ao devir. O prazer no fluir e destruir é que o poeta-filósofo filia ao pensamento de Heráclito, é que a Nietzsche parece decisivo numa filosofia dionisíaca e, quero crer, também, numa escrita conforme a de Nelson Rodrigues, artista dos perigosos afetos.

⁹ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras mortais*: crônicas de futebol, p. 10, grifos do autor.

¹⁰ NIETZSCHE. *Crepúsculo dos ídolos*, p. 119, grifos do autor.

¹¹ NIETZSCHE. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, p. 63-64, grifos do autor.

A dor, a guerra e o sexo atravessam a vida do artista e poeta trágico Nelson Rodrigues, desde a mais tenra idade. O pai dera-lhe esse nome “em homenagem ao Almirante inglês Lorde Nelson, vencedor da batalha de Trafalgar, em 1805”, pela “audácia de arriscar estratégias suicidas e, afinal, vitoriosas”.¹²

Às *sombras das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, título que por si mesmo apresenta um elemento metonímico ratificador daquilo que está em questão para o narrador rodriguiano, isto é, o homem humano, demasiado, em sua travessia, também num esporte que, àquele tempo, em contexto muito diferente da atualidade, via nascer suas estrelas dos populares campos de várzea. As chuteiras imortais representam erótica e metonimicamente os homens que, terra a terra, como os deuses gregos, criados pelos homens, tornam-se imortais, nos campos “de batalha”, por intermédio da linguagem da arte que reporta ao mundo uma representação destes. Se as crônicas rodriguianas são informativas, são muito mais literárias. Seduzem o leitor, menos pela informação e mais pela estética. Em vista do estilo inaudito, melancólico, mórbido e irônico, suas crônicas se aproximam do micro conto, da anedota e do aforismo, não chegando a compor, ao menos em sua maioria, no livro *Às sombras das chuteiras imortais*, duas páginas.

Na crônica “Flamengo sessentão”, o autor comenta o nascimento da atividade esportiva futebolística no Flamengo. Desde 1895 o Flamengo Clube de Regatas já existia e “tecia sua camoniana tradição náutica”.¹³ Para descrever esse nascimento, em insólita relação, na qual não falta desde o início uma flambada de humor, o narrador se refere ao “bigode do Kaiser”¹⁴ alemão, referência a Guilherme II, bem como a Margaretha Geertruida Zelle, a legendária espiã holandesa Mata-Hari, “olho da manhã” que, por sua vez, mistura-se ao mito das Amazonas. “Mata-Hari com um seio só ateava paixões e suicídios.”¹⁵ Pierre Grimal, no *Dicionário da mitologia grega e romana*, afirma que as Amazonas eram um povo de mulheres que “descendem do deus da Guerra, Ares, e da ninfa harmonia. (...) amputavam um seio, para que não se sentirem embaraçadas na prática do arco ou no manejo da lança (...) A sua paixão era a guerra.”¹⁶

Essas imagens da guerra e do sexo impregnam o imaginário do narrador desde sua infância. Isso é perceptível na primeira crônica do livro de Nelson Rodrigues, *O óbvio ululante*, quando o narrador, em “Era bonito ser histérica”, relata um crime ocorrido em 1915. Nelson Rodrigues, ao contextualizar o assassinato de Pinheiro Machado, afirma:

Porque exatamente o punhal? Por que o ódio havia de ter a forma esguia e diáfana do punhal? 1915. Era o Brasil do fraque e do espartilho. Nas salas de visita, havia sempre uma escarradeira de louça com flores desenhadas em relevo. Eu tinha três anos e estava em Pernambuco. Três anos. Aos três anos, o sujeito começa a inventar o mundo. Minha família mora na praia. E eu começava a inventar o mundo. Primeiro, foi o mar. Não, não. Primeiro, inventei o caju selvagem e a pitanga brava.¹⁷

¹² CASTRO. *O anjo pornográfico*, p. 17.

¹³ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 9.

¹⁴ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 9.

¹⁵ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 9.

¹⁶ GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, p. 23.

¹⁷ RODRIGUES. *O óbvio ululante: primeiras confissões*, p. 13.

Refiro-me às imagens do punhal, metonímia da guerra e do espartilho, metonímia do sexo e à percepção precoce do mundo como invenção, isto é, como representação, no qual vemos uma dimensão do sonho e da plasticidade inerente ao deus Apolo, conforme o concebe Nietzsche. A referência ao ódio e à invenção da verdade se reveste na exposição despidorada da face abjeta da condição humana e ao mesmo tempo explicita à maneira plástica com que o artista em análise apreende o furor da guerra. Nietzsche, criticando, justamente, o ódio marcado pela herança judaico-cristã, faz apologia da mentira ou, conforme Nelson Rodrigues, da invenção do mundo: há um ódio da mentira e da simulação proveniente de um sensível conceito de honra; há também um que nasce da covardia, já que a mentira é proibida por um mandamento divino. Demasiado covardes para mentir...¹⁸

A invenção do mundo, monstruosamente acentuada, é lastreada, por Nelson Rodrigues à infância, e nela já contém o germe irônico de um autor cuja consciência transgressora percebia o grande teatro à sua volta, encenado por aqueles que, se por um lado eram impulsionados pela ladainha dos discursos religiosos, eram, por outro, diuturnamente seduzidos pela “embriaguez da excitação sexual”, que fazia ruir os pórticos da vontade de verdade dos mandamentos divinos.

Com a referência ao irônico e mítico casal da crônica em análise, o autor perfaz simbolicamente referências fundamentais à guerra que qualificará o *agon*, a luta heraclitiana, relativo ao clube em nascimento. Há uma predileção de Heráclito pela metáfora da guerra. Ela estaria na base de todos os acontecimentos: “a guerra é a origem de todas as coisas e de todas ela é soberana, e a uns ela apresenta-os como deuses, a outros, como homens; de uns ela faz escravos, de outros, homens livres.”¹⁹ Nesse sentido, a discórdia é o grande motor do mundo, isto é, o embate entre forças contrárias é que cria uma espécie de equilíbrio. E a discórdia é ponto fulcral, estopim dos furores dionisíacos dos personagens rodriguianos.

Há nas citações rodriguianas, tratadas neste artigo, um impulso trágico distante que qualquer julgamento de valor. Em um texto dialógico, polifônico, como o de Nelson Rodrigues, os personagens são ressentidos, não o artista, não o sátiro embriagado e inventor do mundo, que na velhice confessa, em espécie de remissão aos seus três anos de idade: “nós, os velhos, precisamos de um mínimo de puerilidade encantada, sem a qual seríamos múmias inteiramente gagás.”²⁰ A “puerilidade encantada” é a força plástica apolínea, do mundo como invenção, que retorna na idade adulta. Trabalhei com o conceito de “força plástica” no livro *Mundanos fabulistas: Guimarães Rosa e Nietzsche* (2007), e percebi uma consciência do “faz-de-conta” no texto rosiano, muito semelhante à “invenção do mundo” da qual nos dá conta Nelson Rodrigues. De acordo com Nietzsche, se utilizando a “força plástica” é

esta força que permite a alguém desenvolver-se de maneira original e independente, transformar e assimilar as coisas passadas e estranhas, curar as feridas, reparar as suas perdas, reconstituir por si próprio as formas destruídas.²¹

¹⁸ NIETZSCHE. *Crepúsculo dos ídolos*, p. 18.

¹⁹ KIRK; RAVEN; SCHOUFIELD. *Os filósofos pré-socráticos*, p. 200.

²⁰ RODRIGUES citado por CASTRO. *O anjo pornográfico*, p. 418.

²¹ NIETZSCHE. *Escritos sobre a história*, p. 73.

Esse conceito de Nietzsche possui raízes na visão dionisíaca do mundo, da qual Nelson Rodrigues é partícipe, pois, como artista, ele transforma a repugnância em arte.

Há um tom pilhérico, erótico, contido nos dois primeiros parágrafos da crônica “Flamengo sessentão”, conforme a continuação do texto ratifica: “e as mulheres, aqui e alhures, usavam umas ancas imensas e intransportáveis”, reconfirmado a nostalgia erótica do narrador expressa por intermédio dos quadris femininos antes da Primeira Grande Guerra, quando para o narrador, “[u]ma menina de 14 anos para atravessar uma porta tinha que se pôr de perfil. Convenhamos – grande época! Grande época!”²² De acordo com Rosana Suarez,

o convite à paródia e à comédia se confunde algumas vezes com a enunciação do trágico. Em *Gaia ciência*, [Nietzsche] afirma que a diferença entre viver mal e viver bem está em exercitarmos um “olho de teatro” que nos faça ver com bom humor o espetáculo da existência.²³

Em suma, ao citar Guilherme II e Mata-Hari, Nelson Rodrigues sumariza, em certa medida, nas exposições que fizemos acima, dois tipos de embriaguez, respectivamente, a “embriaguez da luta” e a “embriaguez da excitação sexual”, as quais, para além de uma referência estético-literária, ressoam também em sua própria história.

Ainda em relação à guerra, tomando-a como exemplo de uma “transmutação de todos os valores”, dirá Nietzsche:

Todo meio é bom, toda “eventualidade” um golpe de sorte. Sobretudo a guerra. A guerra foi sempre a grande sabedoria de todos os espíritos que se interiorizam, que se tornam demasiado profundos; na própria ferida reside o remédio. Foi, durante muito tempo, divisa minha um aforismo cuja origem escondo à curiosidade dos eruditos: *In crescunt animi, virescit volnere virtus* (crescem pela dor os espíritos e se fortalece a virtude).²⁴

Advém, pois, o nascimento “terrestre do Flamengo”, no plano das ações, marcado também por uma ruptura, por uma pequena guerra interna relacionada ao time do Fluminense, time para o qual Nelson Rodrigues torcia:

Em 1911 aconteceu uma briga no Fluminense (...) e é possível que tenha havido tapa, nome feio, o diabo (...) e a dissidência ainda esbravejante, ainda ululante, foi fundar, no Flamengo de regatas, o Flamengo de futebol.²⁵

Pode-se dizer: apesar de todas as referências que o tornam aquilo que aos olhos do narrador ele o é, o time terá sempre sua origem enraizada numa discórdia fluminense. De acordo com Castro, Nelson Rodrigues conheceria o Fluminense em 1919, mas antes ele teria sido torcedor de um time de menor expressão, o Andaraí, “que disputava o campeonato carioca e era da vizinhança da Aldeia Campista”.²⁶

²² RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 9.

²³ SUAREZ. *Nietzsche comediantes*: a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche, p. 11.

²⁴ NIETZSCHE. *Crepúsculo dos ídolos*, p. 11, grifos do autor.

²⁵ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 09.

²⁶ CASTRO. *O anjo pornográfico*, p. 32.

Essa ideia nietzschiana da guerra como força criadora, advinda de Heráclito, – a quem segundo Deleuze se liga o fisiologismo Nietzsche: “A vida *activa* o pensamento e o pensamento, por seu lado, *afirma* a vida.”²⁷ – presente nos dois primeiros parágrafos da crônica em análise, ressoa em toda produção artística rodriguiana. A arte rodriguiana perfaz-se como “invenção do mundo” do que no artista a “vida *activa*”. Mediante a vida trágica de Nelson Rodrigues, suas tragédias e escritos de modo geral são uma maneira de o artista lidar com o peso da existência, encontrando, assim, pois, leveza-trágica, em sua *poiesis*, que, de certa forma, não deixa de ser uma espécie de libertação.

Todos os aspectos levantados anteriormente, relativo à estória do nascimento do “Flamengo terrestre” e personagens históricos, mesclados ao literário, representam a alegria rodriguiana, que, por intermédio da representação de forças comumente terríveis, às quais não faltam requintes dionisíacos – estamos nos referindo à maneira bacante com que o narrador expressa a presença de Mata-Hari – nos narra um momento de nascimento, portanto, um momento de afirmação da vida. Ressaltamos, também, o pátrio poder, em certa medida, expresso metonímica e jocosamente no bigode do Kaiser e na guerra. Todavia, tudo isso, praticamente, desaparece ante o erotismo dos quadris de Mata-Hari e sua dança, força maior que espande no parágrafo em análise. Nasce a “sessão terrestre do Flamengo” sob o signo do erotismo e da guerra e outras paixões suicidas. Vemos aí a expressão marcante dos mais profundos instintos vitais. Instintos que, de acordo com Anna Hartman Cavalcanti, marcariam o nascimento do drama musical grego. De acordo com a autora, Nietzsche compreenderia o

desenvolvimento da arte grega como um processo inconsciente ligado aos mais profundos instintos vitais. A tragédia grega (...) nasce dos cultos rituais dionisíacos, os quais são expressão, como observou o filósofo, das mais inapreensíveis pulsões populares.²⁸

As forças da guerra e do erotismo são, sem sombra de dúvidas, “instintos vitais” compreendidos pelo autor da crônica, podendo-se inferir como pulsões inerentes ao futebol, uma expressão popular, mais presente no cotidiano do brasileiro, cujas razões e pulsões permanecem inapreensíveis.

A presença da embriaguez sexual na crônica rodriguiana cumpre duas funções relevantes. Insere um princípio vital ao nascimento do clube de futebol do Flamengo e uma dimensão estética que impulsiona o leitor ao texto com a visceralidade estético-trágica que acomete o torcedor diante do *pathos* advindo da presença simbólica ou literal do Flamengo. Armando Nogueira, autor do texto de orelha do livro *À sombra das chuteiras imortais*, afirma que esta “é obra sem igual de um cronista que nunca deu a mínima bola para a frígida aritmética do jogo”.²⁹ Nogueira compreende, também, que o futebol era, para Nelson Rodrigues, “paixão” e “arrebatamento”.

Por todas essas características, sumarizadas na figura de Mata-Hari, nasce a parte terrestre do flamengo no “tempo dos cabelos compridos e dos espartilhos, das valsas em primeira audição e do busto unilateral de Mata-Hari”.³⁰

²⁷ DELEUZE. *Nietzsche*, p. 17, grifos do autor.

²⁸ CAVALCANTI. *Símbolo e alegoria: a gênese da concepção de linguagem em Nietzsche*, p. 83.

²⁹ NOGUEIRA. *À sombra das chuteiras imortais*. Paratexto: orelha.

³⁰ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 9.

E a torcida flamenguista, desde o início, já se apresenta operística, enfática e sublime. Apesar da “grandiloquência de ópera”, espetáculo que, segundo Nietzsche, é apenas uma sombra do que foi a tragédia, o que demonstra que a crônica é mais que operístico, é, em verdade, de acordo com o próprio narrador rodriguiano, em última instância, “sublime”. Em mais uma imagem bacante, o autor faz uma suma do que era naquele tempo a torcida; eis a explanação que ele faz de um momento sublime: “Quando havia um gol, as mulheres rolavam em ataques.”³¹ Não é objetivo deste estudo aprofundar na experiência do sublime como espécie de conceito-chave do trágico nietzschiano, mas fazer notar que a presença do adjetivo-sulime encontra-se no texto rodriguiano para além de si mesmo e ressoa na cosmologia conformadora do conceito nietzschiano de tragédia, passando por Wagner, Shopenhauer, Schiller, para, finalmente, chegar ao filósofo Kant. Essa é pelo menos a tese de Bruno Nabais, em seu livro *Metafísica do trágico* (1997). No entanto, parece-nos que Nelson Rodrigues capta nietzschianamente a experiência trágica do sublime ao representá-la à maneira de um bacanal. Roberto Machado, em *O nascimento do trágico*, afirma que *O nascimento da tragédia* pouco se refere ao sublime, e que essa ideia pode ser melhor compreendida em *Visão dionisíaca do mundo*, em que o filósofo diz:

Importa antes de tudo transformar aqueles pensamentos de repugnância sobre o horrível e o absurdo da existência em representações com as quais se pudesse viver: essas são o *sublime* como sujeição artística do horrível e o *ridículo* como descarga artística da repugnância do absurdo. Esses dois elementos entrelaçados estão unidos em uma obra de arte que imita a embriaguez, que joga com a embriaguez.³²

Por essa razão, rolar em “ataques” é estar-se em terror diante da existência, diante daquilo que não se compreende, diante, por fim, de Dioniso, que “comunica a visão do informe, do caos, a visão verdadeira da essência cruel do mundo”.³³ Talvez por que o torcedor rodriguiano vislumbre, ao fim, os “impulsos profundos” da guerra e do erotismo que o autor tanto valoriza. Silva, ressaltando que o que interessa ao cronista é o homem humano, os valores viris que o conformam, afirma que “Nelson nunca perde de vista o parentesco entre o jogo e a guerra”.³⁴ Tomamos aqui o Flamengo como cortejo dionisíaco e o torcedor como discípulo do deus nesse cortejo. Dessa forma, o futebol está para música e para dança como o torcedor está para o iniciado ao culto a Dioniso mediante o cortejo, a dança dos dribles e saltos dos jogadores de futebol. Pelas razões que apresentamos, diríamos que o futebol, da forma como o aborda Nelson Rodrigues, é a “estética como experiência do sublime”.³⁵ Com isso, descartamos qualquer relação com os “seres sublimes”, retratados em *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche, no qual o poeta-filósofo critica o “sublime” como um desprezador de tudo que é terrestre: “e sua felicidade deveria cheirar a terra e não a desprezo pela terra.”³⁶

³¹ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 9.

³² NIETZSCHE. *A visão dionisíaca do mundo*, p. 130, grifos do autor.

³³ NABAIS. *Metafísica do trágico*, p. 70.

³⁴ SILVA. O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues, p. 49.

³⁵ NABAIS. *Metafísica do trágico*, p. 71.

³⁶ NIETZSCHE. *Assim falou Zaratustra*, p. 130.

Para Nelson Rodrigues, que escreve a crônica em 26 de novembro de 1955, já não havia mais a existência do “histerismo feminino”, que marcava a grandiloquência da torcida de antes da Primeira Guerra Mundial. De acordo com o narrador rodriguiano, “os homens torciam como espanhóis de anedota”,³⁷ estaria ele se referindo ao caráter passional de um espanhol traído? Os jogadores, por sua vez, ganham porte trágico dionisíaco, na medida em que, em vez de privilegiar a bola, eles saem, *disjecta membra*, “ceifando, dizimando, assassinando canelas, rins, tórax e braços adversários?”³⁸ Em seguida, o narrador faz crer que, em 1955, época em que Nelson se iniciou na crônica esportiva, o homem estava muito “desvirilizado” e não aceita a “ferocidade” dos tempos antigos. Embora o narrador se refira a 1911, a frase fica em aberto, reportando-se, também, pode-se inferir, ao tempo mítico. Nesse sentido, reafirma a verdade nietzschiana do *pathos* existente em 1911, tempo em que “ninguém bebia um copo d’água sem paixão”.³⁹ Muito próximos do nascimento de Nelson Rodrigues, em 1912, estão a Primeira Guerra Mundial e a Gripe Espanhola, de 1918. Eventos notadamente trágicos que, certamente, marcaram seu imaginário. Dessa forma, o narrador legitima a gana trágica flamenguista que manteria, em sua perspectiva, a postura aguerrida adquirida posteriormente pelo time e pela torcida, os quais formam um único corpo desde a sua fundação como time de futebol. Ao caracterizar essa unidade, o narrador expressa uma condição trágica dessa completude entre torcida de clube, ao dizer que a torcida flamenguista ao sofrer um gol não se curva:

O adepto de qualquer outro clube recebe um gol, uma derrota, com uma tristeza maior ou menor, que não afeta as raízes do ser. O torcedor rubro-negro, não. Se entra um gol adversário, ele se crispa, ele arqueja, ele vidra os olhos, ele agoniza, ele sangra como um César apunhalado.⁴⁰

Compreendemos nas citações acima o caráter trágico. Nesse sentido, a imagem do sofrimento do gol é sumariada por outra imagem, a de “um César apunhalado”, referência inequívoca da tragédia shakespeariana. É, pois, mediante o estertor das imagens de derrota e a presença da morte de Cesar apunhalado, que a citação acima alegoriza a intensidade trágica dionisíaca de uma vontade de vida na agonia do moribundo, pois que, muito próximo do furor da morte, se representa justamente a proximidade com o uno, isto é, com Dioniso. Por fim, nesse sentido, o Flamengo, tendo se transformado numa força “inexpugnável”, não precisará mais senão de si mesmo enquanto força simbólica, na medida em que, segundo o narrador:

Há de chegar talvez o dia em que o Flamengo não precisará de jogadores, nem de técnicos, nem de nada. Bastará a camisa, aberta no arco [no gol]. E, diante do furor impotente do adversário, a camisa rubro-negra será uma bastilha inexpugnável.⁴¹

³⁷ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 9.

³⁸ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 10.

³⁹ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 10.

⁴⁰ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 10.

⁴¹ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 10.

A camisa representa um *pathos*, força que, de acordo com Ana Hartman Cavalcanti, é o “elemento essencial da tragédia”.⁴²

A crônica “Flamengo sessentão” inicia-se com imagens da guerra e se encerra com as mesmas imagens, ao se referir, hiperbolicamente, à “bastilha inexpugnável”, referência clara à Queda da Bastilha, que culminou na Revolução Francesa. A referência à Bastilha não deixa de ser uma ironia ao torcedor que, libertinamente, esbraveja na arquibancada, considerando que esta foi uma prisão. Pode-se inferir disso que o narrador tivesse em mente, algo além da imagem, algo que traduzisse o *pathos* do torcedor que, em certa medida, enquanto apaixonado, não deixa de ser um prisioneiro.

Mesmo, em certa maneira, o rubro-negro, cores da camisa flamenguista, passa a representar o sangue ou vinho dionisíaco, de que o Flamengo, compreendido na relação entre o clube, camisa, jogadores e torcida estão envolvidos. Aqui, não me reporto à história, mas ao contexto da crônica, que me permite uma compreensão simbólica das cores, o vermelho e o preto. Sangue, vinho e morte, estão aí representados festiva e tragicamente afirmados na crônica “Flamengo sessentão” do sátiro e inventor de mundos, Nelson Rodrigues, por intermédio da embriaguez da guerra e da luta.



ABSTRACT

This work brings Nelson Rodrigues's tragic texts closer to those of the German poet/philosopher Nietzsche by means of the chronicle “Flamengo sessentão”. To achieve this goal, we ascertain two kinds of inebriety in the Rodriguian texts that legitimate the tragic universe: that of sexual arousal and that of war.

KEYWORDS

Tragic, football, inebriety

REFERÊNCIAS

- ARALDI, Clademir Luís. *Nihilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Editora Unijuf, 2004.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CAVALCANTI, Anna Hartmann. *Símbolo e alegoria: a gênese da concepção de linguagem em Nietzsche*. São Paulo: Anablume, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

⁴² CAVALCANTI. *Símbolo e alegoria: a gênese da concepção de linguagem em Nietzsche*, p. 84.

- KIRK, S. G.; RAVEN, E. J.; SCHOUFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- NABAIS, Bruno. *Metafísica do trágico*. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].
- NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisiaca do mundo*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre a história*. Tradução apresentação e notas Noeli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Nietzsche contra Wagner*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1988.
- NOGUEIRA, Armando. In: RODRIGUES. *À sombra das chuteiras mortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Paratexto: orelha.
- RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo I: peças psicológicas*. Org. e introdução de Sábado Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras mortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *O óbvio ululante: primeiras confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SANTIAGO SOBRINHO, João Batista. *Mundanos fabulistas*. Belo Horizonte: Crisálida, 2011.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 2, p. 105-113, 1998.
- SUAREZ, Rosana. *Nietzsche mediante: a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2007.